

Preconceito e discriminação com as mulheres no mercado musical

Ramon Schnayder de França Filgueiras D'Amorim

Mestrando em Gestão de Organização Aprestades

Instituição: Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

E-mail: rschnayder@gmail.com

Ricardo Moreira da Silva

Doutor em Administração, Doutor em Engenharia de Produção

Instituição: Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

E-mail: ricardomoreira0203@hotmail.com

Josilene Aires Moreira

Doutora em Ciências da Computação

Instituição: Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

E-mail: josilene@ci.ufpb.br

RESUMO

O estudo partiu da necessidade de ouvir as vozes das mulheres e como elas registram, como desfrutam da almejada autonomia, liberdade e igualdade, se submetendo, na maioria das vezes, ao poder masculino. Considera-se que analisar a cena musical paraibana como um espaço historicamente marcado pela predominância masculina, na qual é visível que homens e mulheres não possuem iguais oportunidades de participação. Este estudo teve como objetivo analisar a participação das mulheres artistas no mercado musical da Paraíba, revelando um cenário ainda marcado por desigualdades de gênero. O escopo teórico esteve fundamentado nos estudos que refletem sobre a música, como manifestação cultural das mais próximas do cotidiano e como pode ser diretamente afetada por determinações que afirmam ou contestam modelos e costumes vigentes em um dado momento histórico, corroborando para a compreensão do fator gênero e orientação sexual e como podem ser expressos na produção musical de homens e mulheres. A metodologia utilizada foi pautada na análise de conteúdo de respostas abertas em entrevista estruturada, com apoio da utilização da Escala de Likert. Os resultados demonstraram que a discriminação e o preconceito, o acesso ao financiamento e o apoio para o registro de obras, têm alimentado a luta por direitos e por reconhecimento e vêm ganhando espaço no Brasil e na Paraíba, diminuindo desvantagens das mulheres tanto na cena social, quanto na cena musical. A pesquisa apontou que as mulheres ainda têm que lidar com obstáculos internos e externos às suas carreiras, conciliando responsabilidades familiares com a busca de saídas criativas diversas, para enriquecer suas jornadas artísticas.

Palavras-chave: Mulheres na Música. Mercado Musical. Discriminação e Preconceito.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo contém análises provenientes de pesquisa realizada sobre a percepção em torno da luta das mulheres no mercado musical, com um olhar direcionado para o fenômeno no contexto do Estado da Paraíba. Foi consolidado a partir da teoria da exclusão das mulheres no espaço público da cena musical e da efervescência da atividade em determinado estado ou região. As relações entre os vários agentes envolvidos, como empresários e equipes de apoio, são articuladas ao consumo e divisão de gêneros musicais da música

popular brasileira.

O estado da arte do tema foi articulado ao entendimento do mercado da música para mulheres no Brasil, que tem sido dinâmico e evolutivo, com diversos desafios e conquistas ao longo dos anos. Wall-Andrews e Luka (2022) reforçam lacunas e silêncios das mulheres na indústria musical. Os desafios são persistentes. Apesar dos avanços, as mulheres ainda enfrentam desafios significativos, incluindo desigualdades salariais, preconceitos e uma menor presença em cargos de liderança dentro da indústria musical.

2 METODOLOGIA

A área de abrangência da pesquisa foi constituída pelo universo de 52 musicistas cadastradas no banco de dados da Fundação Cultural de João Pessoa – FUNJOPE, entidade de direito público, subordinada à Secretaria de Educação e Cultura do Município de João Pessoa, Estado da Paraíba. A FUNJOPE (2025), tem a função de mapear e cadastrar os artistas, para maior conhecimento do campo de atuação de cada um deles. Tem como objetivos promover, incentivar, difundir e valorizar a cultura e as artes na cidade de João Pessoa/PB. É considerada uma instituição de referência na execução de políticas públicas para a cultura. Tem como visão e missão, fomentar e democratizar a participação e o acesso à cultura na sua diversidade, propiciando a formação cidadã através da inclusão social e do desenvolvimento do potencial criativo da população. Foi constituída uma amostra probabilística de 12 musicistas no universo das 52 cadastradas nas bases de dados da FUNJOPE. Considerando a especificidade do estudo e as características da população, foi definida a amostra probabilística.

Segundo Richardson (2011), a característica de confiabilidade da amostra probabilística está no fato de que, em princípio, todos os sujeitos têm a mesma probabilidade de serem escolhidos, sendo essa seleção feita em forma de sorteio. A escolha teve como critério o fato de que todos os elementos do universo têm a mesma chance de serem selecionados. Ou seja, cada uma das 52 musicistas teve a mesma probabilidade de participar da pesquisa. Considerando o universo total da pesquisa, composto por 52 sujeitos, foi selecionada uma amostra de 12 participantes, o que representa aproximadamente 23% da população total, adequada para os objetivos qualitativos e exploratórios da pesquisa.

Assim, a escolha pelo número de participantes levou em conta tanto a viabilidade prática da coleta, quanto a adequação aos objetivos específicos da pesquisa, que se concentram em compreender fenômenos complexos sob uma perspectiva qualitativa/crítica/reflexiva. Os dados para a realização do estudo foram coletados no período de 01/06/2020 a 30/06/2025, por meio de um instrumento de pesquisa composto por 12 questões de múltipla escolha, com definições referentes a cada uma das categorias. Foi utilizada para composição do questionário a escala de *Likert*, técnica usada por cientistas sociais para analisar e medir as percepções dos indivíduos em um determinado contexto, proporcionando uma avaliação qualitativa baseada



no conhecimento da área de pesquisa. Os dados foram coletados através de um questionário semiestruturado, utilizando a *Escala de Likert*, com perguntas objetivas e abertas, cuja posterior análise foi realizada com bases estatísticas para as questões fechadas e análise de conteúdo para as questões abertas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 CONHECENDO OS PERFIS DAS MULHERES MUSICISTAS DA PARAÍBA

Como delimitado na metodologia, a amostra que compôs a investigação foi constituída por 12 mulheres participantes da cena musical paraibana, escolhidas de forma probabilística, no universo de 52 musicistas cadastradas na FUNJOPE. Buscamos construir o perfil a partir do conceito de identidade social, uma vez que buscamos através das indagações, combinar trajetórias pessoais e biográficas nos seus contextos sociais e profissionais significativos. Desta forma, entendemos que o processo de construção da identidade social e o reconhecimento da identidade pessoal e profissional é um processo subjetivo que somente as próprias vozes podem traduzir. A construção de perfis indenitários como processo social, constitui um aspecto fundamental na pesquisa, pois permitiu que cada uma delas realizasse a elaboração do seu auto perfil. Este é um processo socialmente construído, dinâmico e inacabado. Foi importante na análise conhecer a pertença e referência delas na sua auto definição.

O perfil das musicistas mostra que as mulheres se reconhecem, em sua maioria, negra e na faixa etária acima de 35 anos. Foi predominante o percentual de 75% delas com mais de 15 anos de carreira, o que demonstra maturidade e experiência profissional. O perfil foi construído a partir da necessidade de visualizarmos as diferentes faces que o racismo pode assumir no processo de construção da subordinação das mulheres negras.

As respostas permitiram inferir que a representação das mulheres na música é afetada por vários outros fatores que recebem da estrutura cultural, social e legal, onde elas sistematicamente se beneficiariam ou não (ROSÁRIO & DACUNDA, 2022; VILJOEN, 2013). Os dados sobre as mulheres na música na Paraíba destoam dos dados nacionais, onde a característica detectada pela pesquisa da Data Sim é que a maioria se declara cisgênero e branca. Já no que se refere à idade, é aproximada. A pesquisa da União Brasileira de Compositores -UBC (apud Silva, 2025) mostra que cerca de 29% das associadas têm entre 31 e 40 anos. As entrevistadas se caracterizam como profissionais negras.

O estudo realizado por Pilar (2010) traz a esta reflexão, elementos argumentativos de que há persistência na pouca inserção das mulheres na profissão de musicistas, seja como intérpretes, regentes, compositoras ou como propagadoras da música, o que afasta as mulheres dos cargos mais bem remunerados e mais prestigiados, como regência de orquestra, solistas e primeiras estantes, por exemplo. Quanto à atividade de musicista profissional, exercida prioritariamente por homens e em espaços públicos, apresentou modificação gradativa na segunda metade do século XIX, com a presença paulatina de mulheres musicistas



no palco, embora ainda em menor número.

Quanto à etnicidade, um estudo de Gomes (2025) corrobora as respostas registradas, quanto ao fato de que a presença das mulheres negras é ainda fator desafiador. Embora possamos afirmar que as mulheres negras ainda vivem em maiores margens de direitos sociais, suas lutas por maiores conquistas foram (e ainda são) importantes para firmar lugar pela garantia de direitos. Podemos argumentar que atualmente a música é um importante lugar de demarcação dessas conquistas.

Muniz & Vieira (2025) corrobora a constatação de que a musicalidade continua a se constituir como um dos mais fortes instrumentos da cultura afro. Em tempos de escravidão, as músicas marcavam tanto o tempo de trabalho coletivo, como a forma de transmitir conhecimento para outras gerações. É ainda hoje, considerada como elemento cultural fundamental na formação da identidade africana. A música foi também, importante veículo de resistência.

3.2 O MERCADO DA MÚSICA E AS MULHERES NA PARAÍBA

Quanto aos investimentos financeiros, espaços na mídia para desempenharem seus papéis como artistas e campanhas de inclusão nos eventos de suas regiões, por parte do meio empresarial e artístico, um grande percentual das cantoras (praticamente meio a meio) divergiram de opiniões entre “concordar” e “discordar” que o meio empresarial e artístico colabora. Tais respostas não correspondem com trabalhos publicados, os quais mostram que há ainda pouca colaboração do meio empresarial e artístico, para com as cantoras regionais. Há ainda muitos entraves encontrados para a construção de uma carreira feminina no ecossistema da música, como demonstram os relatórios de monitoramento, avaliação e aprendizagem do Programa ASA – Arte Sônica Amplifica (2025). Outro projeto que traz horizontes práticos para lidar com esta questão, é o AMPLIFYhER, desenvolvido pela Universidade de São Paulo – USP. É um estudo piloto, projetado para avaliar os desafios mais urgentes que as musicistas enfrentam no Brasil, a saber, aqueles ligados à falta de exposição na mídia e acesso deficiente a oportunidades de trabalho, receita e financiamento. Este projeto pretende estimular ações tangíveis na ampliação das vozes de mulheres artistas da indústria musical e da sociedade brasileira. Pretende ainda, apoiar a defesa da igualdade de gênero na música e desencadear pesquisas adicionais sobre o assunto no Brasil. O projeto prevê o oferecimento, por parte da equipe de pesquisadores, de sessões de treinamento destinadas a fornecer às participantes, habilidades fundamentais de autopromoção, rede e mídia digital. Nossa perspectiva é que esta pesquisa traga elementos para levantar discussões importantes no âmbito do estado.

Não encontramos nas respostas elementos que possam corroborar positivamente o aumento do número de obras registradas no Estado. A ausência de dados no estado aponta para a necessidade de investigações aprofundadas para que possamos apontar saídas ou alternativas para o movimento nacional que mostra um aumento, embora pequeno da participação feminina nos fonogramas cadastrados que cresceu



em quatro categorias: 22% como produtoras fonográficas, 13% como autoras ou versionistas, 10% como intérpretes e 9% como instrumentistas (UBC, 2024).

Vimos pela maioria das respostas que a questão das barreiras ao financiamento é um elemento de marginalização das mulheres. Conforme assevera Adão (2023), o financiamento se torna elemento aglutinador e impulsionador das carreiras e habilidades das mulheres participantes que atuam no mercado do som e da música. Isso demonstra que os dados nacionais contidos em Relatório da União Brasileira de Compositores -UBC (apud Santos, 2025) através de uma pesquisa no campo musical, no que se refere à grande disparidade de gênero no que diz respeito aos dividendos da música produzida no Brasil. Os estudos apontaram que no ano de 2022, as mulheres receberam somente 9% do total distribuído em direitos autorais ao longo de 2021. As respostas apontam para a replicação das barreiras nacionais aqui na Paraíba.

Cameron (2003) recomendou que vieses inconscientes no investimento inicial de capital musical, servem para melhorar o desempenho e as oportunidades das mulheres na indústria. Berkers et al. (2019) notaram que isto tem a ver com a desigualdade contínua, devido às percepções de gênero da indústria musical.

É reconhecido pelas musicistas que este espaço de acesso ao financiamento ainda carrega a forte dominação masculina. É urgente que as discussões cheguem aos setores públicos responsáveis pelas políticas estaduais e municipais de cultura e possam produzir estatísticas de gênero, a fim de que possa ser construído um quadro de comparabilidade sobre o acesso aos recursos financeiros por homens e mulheres.

De acordo com o relatório da UBC de 2021, o aumento do número de mulheres associadas ao mercado musical foi de 68% desde 2018 (UBC, 2021). Além disso, uma pesquisa apontou que a porcentagem de mulheres em ramos executivos da indústria musical no Brasil não ultrapassa 23% (Noize, 2024). Os resultados evidenciaram a predominância de mulheres da região Sudeste: 72,1%. Predominância também apontada na pesquisa da UBC, onde 63% das associadas estão na região Sudeste.

Ao se reportar sobre cenário de aprendizado das mulheres na música, é caracterizado por uma sub-representação histórica, disparidades de gênero contínuas e papéis em evolução no ensino e na composição (Howe, 2012). O campo da educação musical feminina tem raízes históricas de marginalização e invisibilidade. No entanto, embora as mulheres tenham feito contribuições significativas para a história da música, a bifurcação e a liderança datam especialmente do campo da composição jurídica e essas contribuições estão escondidas sob o tapete da ignorância (Howe, 2012).

Em termos de participação no mercado de trabalho, as mulheres representam 53,3% da taxa de participação, enquanto os homens representam 73,2% (IBGE, 2024). É importante notar que a participação feminina na área musical ainda é inferior à masculina, mas há um crescimento significativo na última década (UBC, 2021; PLAYPBM, 2024).



3.3 PAPEL INDIVIDUAL NA SUA PROMOÇÃO NO MERCADO DA MÚSICA

Questionadas sobre seus papéis na promoção de suas carreiras, as respostas nos questionários demonstraram que as cantoras se enxergam como agentes ativas no processo da promoção da mulher na música, mas não observam o mesmo empenho por parte das universidades, no que tange a inclusão, e nem veem ações afirmativas por parte do governo.

Para Ingleton (2014), o contexto sociopolítico difunde a produtividade criativa em várias outras áreas importantes. Mulheres musicistas frequentemente usam suas produções artísticas para questionar e reconfigurar ortodoxias musicais existentes (Ingleton, 2014; Bosma, 2012). Segundo Reis et al., (2017), barreiras da personalidade feminina e criatividade, bem como suas formas de suporte, são elencados. O primeiro nível, de acordo com a autora, é o das mulheres de forma individual.

As mulheres têm adquirido um tipo de conhecimento estratégico que envolve a busca por respeito às aspirações delas próprias, enaltecendo suas experiências diárias reais, onde toda sociedade a reconheça, e isso não é oportunizado no meio artístico de forma igual, e assim, as mulheres têm que lidar com obstáculos internos e externos, conciliando responsabilidades familiares com a busca de saídas criativas diversas, para enriquecer suas jornadas artísticas.

Muniz & Vieira (2025) afirmam que, atualmente, através da apropriação cultural, muitos brancos cantam e tocam samba e lucram com isso, mostrando assim, que não importa o trabalho a ser realizado, mas que o capital sempre se destina a mãos brancas. A autora registra com propriedade, que o samba e o hip-hop, por exemplo, são expressões culturais apropriadas e expressadas por vozes brancas, gerando uma perda de seus significados, marcações e posições políticas. Afirma ainda, que estes ritmos foram criados e originados por pessoas negras, como denúncia de suas problemáticas e vivências, e que essa apropriação faz com que enfraqueçam seu sentido originário.

3.4 SOBRE O PAPEL DAS UNIVERSIDADES NO PROCESSO DE INCLUSÃO DAS MULHERES NA MÚSICA

Apesar das respostas das 12 musicistas apontarem, em sua maioria, para o não reconhecimento do papel da Universidades no processo de inclusão das mulheres na música, estudos demonstram que através dos movimentos feministas negros, a luta por espaços de voz, de poder e até de direito a presença de seus corpos, foram mais fortalecidas e ganharam maior visibilidade, garantindo às mulheres negras, conquistas significativas como maior inserção nas escolas, universidades, na dança (Mercedes Baptista é um grande exemplo, onde foi a primeira bailarina negra a integrar o Teatro Municipal do Rio de Janeiro), no teatro (Teatro Experimental do Negro no Brasil, surgindo com Abdias Nascimento), no mercado de trabalho, na música, entre outros (MUNIZ & VIEIRA, 2025). Outro exemplo significativo é o Projeto AmplifyHer, desenvolvido pela USP, que tem como foco a mulher na indústria musical e que possui em sua equipe,

assistentes de pesquisa, doutorandos e pós-doutorandos, o que significa um importante espaço de engajamento.

No que se refere ao processo de oportunidades em universidades, Gould (2009) e Howe (2015) afirmam que as mulheres na educação musical são vistas como figuras "nômades", desafiando limites tradicionais e criando novas possibilidades para o ensino e a aprendizagem. A narrativa histórica de mulheres educadas musicalmente, revela uma rica tapeçaria de contribuições que, em grande parte, passou despercebida. Embora se tenham registrados progressos, as barreiras históricas e estruturais continuam a influenciar o papel das mulheres na música, o que sugere a necessidade de uma sensibilização contínua e do reconhecimento dos seus contributos.

Existem intervenções atuais que visam aumentar a visibilidade de instrumentistas femininas, particularmente em gêneros como o jazz, onde esforços conscientes são feitos para resolver o problema do desequilíbrio de gênero no palco (Björck & Bergman, 2018). Além disso, a representação das mulheres na música é afetada por vários outros fatores, que recebem uma estrutura cultural, social e legal, onde as mulheres sistematicamente se beneficiariam ou sofreriam com aqueles que as escalavam (Rosário & Cunda, 2022; Viljoen, 2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível criar um espaço aberto para que as cantoras pudessem registrar suas lutas e conquistas por meio do instrumento de pesquisa, que atendeu o objetivo geral do artigo: analisar a participação das mulheres artistas no mercado musical da Paraíba, revelando um cenário ainda marcado por desigualdades de gênero. Entende-se que a música é um importante lugar de fala para as mulheres negras. Suas vozes através do canto se tornam ferramentas para a busca de diferentes escutas e conquistas na luta por melhores posições e lugares sociais.

Os resultados demonstram que a discriminação e o preconceito, somados às dificuldades de financiamento e ao apoio insuficiente ao registro de obras, permanecem como barreiras significativas à plena participação das mulheres na música.

O perfil foi construído a partir da necessidade de representar visualmente as diferentes faces que o racismo pode assumir no processo de construção da subordinação das mulheres negras. A partir das respostas das entrevistadas, podemos inferir que a representação das mulheres no campo da música é influenciada por múltiplos fatores, como estruturas culturais, sociais e legais, das quais elas podem se beneficiar ou sofrer sistematicamente.

A discriminação e o preconceito, somados às dificuldades de obtenção de financiamento e à falta de apoio para o registro de obras, ainda limitam severamente a participação das mulheres na área. No entanto, essas artistas estão cada vez mais ativas na luta por reconhecimento e igualdade. As participantes



demonstram uma compreensão crítica de seu papel, considerando-se agentes ativas na promoção de suas carreiras, valorizando a presença feminina na indústria musical. Instituições como as Universidades, no entanto, ainda não se equipararam a esse domínio pessoal das mulheres, permanecendo distantes da necessidade de inclusão, bem como os governos não promovem ações afirmativas eficazes.

Além disso, conciliar a vida pessoal (especialmente as responsabilidades familiares) com a carreira artística, continua sendo um obstáculo significativo. Contudo, muitas artistas desenvolveram estratégias criativas e inovadoras para superar esses obstáculos e fortalecer sua presença na indústria musical.

A análise da participação feminina no mercado musical paraibano evidencia a persistência de estruturas desiguais, que limitam as oportunidades e a expressão artística das mulheres. Apesar de alguns avanços, o estudo demonstra que o preconceito e a discriminação de gênero permanecem evidentes nas relações profissionais e nas condições em que a música é criada e disseminada.

A escuta das experiências dessas mulheres revela os desafios que elas continuam enfrentando em termos de acesso a recursos, reconhecimento institucional e conciliação entre vida pessoal e carreira artística. No entanto, diversas formas de resistência, criatividade e expressão também emergiram, contribuindo para a construção de uma trajetória mais autônoma e consciente para a comunidade musical.

Sobre discriminação, preconceito, dificuldade de acesso a financiamento e falta de apoio institucional, estas continuam sendo barreiras significativas para a consolidação da presença feminina na música. As respostas das 12 musicistas entrevistadas indicam que elas se veem como protagonistas de suas carreiras e promovem ativamente seus espaços na música. No entanto, a maioria aponta que as Universidades não reconhecem sua responsabilidade no processo de inclusão de mulheres na música. Essa lacuna institucional contrasta fortemente com o progresso dos movimentos feministas, especialmente os movimentos feministas negros. Esses movimentos têm desempenhado um papel vital na expansão da voz, do poder e da presença das mulheres, especialmente das negras, em todas as áreas da sociedade.

A experiência histórica mostra que, apesar da resistência, a luta por representatividade alcançou ganhos concretos, como o aumento da participação de mulheres negras nas escolas, universidades, no mercado de trabalho, na dança, no teatro e na música. Essas trajetórias reforçam que a resistência coletiva é uma ferramenta poderosa para a mudança social e cultural.

A pesquisa demonstrou que, embora as barreiras internas e externas à carreira das mulheres na música permaneçam, a criatividade, a solidariedade e a consciência crítica também estão abrindo caminhos para o futuro. Portanto, há uma necessidade urgente de fortalecer políticas públicas, iniciativas de educação inclusiva e ações afirmativas para garantir a igualdade de oportunidades e o reconhecimento das mulheres na indústria da música. Somente por meio da participação ativa de todos os setores da sociedade, podemos construir um cenário mais justo, diverso e representativo.

Outro ponto relevante, diz respeito ao papel dos setores empresarial e artístico. Quando questionadas



sobre investimento, exposição midiática e inclusão em eventos regionais, as respostas das artistas revelaram uma divisão. Embora algumas artistas acreditem que exista um certo grau de colaboração, pesquisas recentes e relatórios de monitoramento, avaliação e aprendizagem sugerem que isso permanece limitado. Existem barreiras específicas, estruturais e simbólicas que impedem as mulheres de construírem carreiras sólidas no ecossistema musical, especialmente no contexto regional.

Apesar desses desafios, a resiliência e a força de reinvenção demonstradas nas trajetórias de vida dessas artistas são evidentes. O equilíbrio entre responsabilidade pessoal e produção musical revela estratégias criativas e de enfrentamento, que alimentam a luta por reconhecimento e igualdade.

Este trabalho, portanto, destaca a urgência de políticas públicas comprometidas com a igualdade de gênero, ampliando o papel das Universidades como agentes de mudança e a responsabilidade dos setores artísticos e empresariais, na construção de um mercado musical mais inclusivo. Promover uma paisagem cultural equitativa e representativa, depende da escuta ativa das vozes dessas mulheres e de um compromisso coletivo com a mudança estrutural.

Sugere-se políticas públicas, iniciativas culturais inclusivas e o reconhecimento da diversidade de gênero como pilares para a construção de um mercado musical mais justo e representativo. Que o reconhecimento das desigualdades seja o ponto de partida para mudanças concretas, para que as vozes das mulheres não sejam apenas ouvidas, mas também plenamente respeitadas e reconhecidas.



REFERÊNCIAS

- ADÃO, Luciana. A rede é pra deitar. O Globo, 4 abr. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/artigo-rede-pra-deitar-24345021>. Acesso em: 16 fev. 2023.
- ARTE SÔNICA AMPLIFICADA - ASA. Programa ASA. Disponível em: <https://oifuturo.org.br/editais/programa-asa>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- BJÖRCK, Cecilia; BERGMAN, Åsa. Making women in jazz visible: negotiating discourses of unity and diversity in Sweden and the US. *IASPM@Journal: Journal of the International Association for the Study of Popular Music*, v. 8, n. 1, p. 42–58, 2018. DOI: [https://doi.org/10.5429/2079-3871\(2018\)v8i1.5en](https://doi.org/10.5429/2079-3871(2018)v8i1.5en).
- BOSMA, Hannah. Musical Washing Machines, Composer-Performers, and Other Blurring Boundaries: How Women Make a Difference in Electroacoustic Music. *Intersections, Canadian Journal of Music / Intersections: Revue canadienne de musique*, 2012. DOI: 10.7202/1013229ar.
- FITZGERALD, Jon; REIS, Arianne. Sounding Northeast Brazil: musical genre manifestations on the Island of Fernando de Noronha. *Popular Music and Society*, 2017. DOI: 10.1080/03007766.2016.1201370.
- FUNJOPE. Fundação Cultural de João Pessoa. Disponível em: <https://www.joaopessoa.pb.gov.br/secretaria/funjope/>. Acesso em: 05 mar. 2025.
- Gould, E. Women Working in Music Education: The War Machine. *Philosophy of Music Education Review*, 2009, 17(2), 126–143.
- GOMES, Rodrigo Cantos Savelli; MELLO, Maria Ignez Cruz. Relações de gênero e a música popular brasileira: um estudo sobre as bandas femininas. Projeto de Pesquisa CEART/UEDESC. *DAPesquisa, Florianópolis*, v.2, n.4, p. 500 - 510, 2007.
- HOWE, Sondra Wieland. Crítica de mídia: Mujeres de la Música / Frega Ana Lucía. *Mulheres de la Música*. 2. ed. Buenos Aires: Editorial Sb, 2011. 143 p. *Revista de Pesquisa Histórica em Educação Musical*, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1177/153660061203300208>.
- HOWE, Sondra Wieland. Mulheres educadoras musicais nos Estados Unidos: uma história. 2015. DOI: <https://doi.org/10.5561/GEMS.V8I4.5635>.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Informativo. Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 38, 2024. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102066_informativo.pdf. Acesso em: 15 jan. 2024.
- INGLETON, H. Composing Paradoxes: Feminist Process in Sound Arts and Experimental Musics. 2014. Tese (Doutorado em Comunicação) — City, University of London, 2014.
- INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO – DADOS & FONTES. Mulheres na indústria da música no Brasil: obstáculos, oportunidades e perspectivas. DATA SIM, 2019. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/mulheres-na-industria-da-musica-no-brasil-obstaculos-oportunidades-e-perspectivas-data-sim-2019/>. Acesso em: ____.



MUNIZ, Alexandre; VIEIRA, Luciana. Music Education and Teaching Reform in Colleges and Universities Based on Teacher-student Interaction. *International Journal of New Developments in Education*, 2015. DOI: 10.25236/ijnde.2023.050213.

NOIZE. 6 Produtoras Brasileiras para conhecer. 2024. Disponível em: <https://noize.com.br/web-stories/6-produtoras-brasileiras-para-conhecer/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

PLAYPBM. Vai ter mulher nos principais palcos de música eletrônica, sim! Disponível em: <https://playbpm.com.br/noticias/coletivo-somos-mulheres-musica-eletronica/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ROSÁRIO, Ana Claudia Trevisan; DACUNDA, Daniela Zago Gonçalves. Sub-representação feminina na música: reflexões, desafios, perspectivas de empoderamento e tutela de igualdade de gênero, sob análise legislativa, das políticas públicas e de ações nesse contexto. *Per Musi*, n. 42, p. 1-20, 2022.

SANTOS, Thaís Montenegro dos. Guia da produtora fonográfica independente no Brasil. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 1 jul. 2025. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/9133>. Acesso em: 15 jan. 2024.

UBC- Revista. Representatividade na música por mulheres ainda é um problema atual. 2021. Disponível em: <https://www.ubc.org.br/publicacoes/noticia/18483/representatividade-feminina-na-musica-ainda-e-um-problema-atual>. Acesso em: 15 jan. 2024.

VILJOEN, André. *Continuous Productive Urban Landscaps*. Oxford: Elsevier, 2013.

WALL-ANDREWS, C.; LUKA, M. E. Promovendo a equidade no empreendedorismo artístico: um estudo de caso sobre equidade de gênero e empoderamento na produção musical. *Artivate*, v. 11, n. 1, p. 1-22, 2022. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/862232>. Acesso em: 15 jan. 2025.